

Alessandra de Oliveira Lopes - PROICT/ULBRA. Licenciatura em Química. alegremio@hotmail.com.br

Dianise Mello Barbosa - FAPERGS. Licenciatura em Dança. dm.barbosa@hotmail.com

Dra. Bianca Salazar Guizzo - Pedagogia/PPGEDU/ULBRA. bguizzo_1@hotmail.com

Introdução:

Este trabalho está inserido no escopo mais amplo da pesquisa cujo título é “Lugares e Sentidos das Ações Pedagógicas relacionadas ao respeito às diversidades de gênero e de sexualidade na Educação Básica”. Neste trabalho, especificamente, temos como propósito fazer uma análise sobre as representações da mulher no Brasil, na década de 1970.

Objetivos:

- Analisar os modos de ser mulher nos anos 1970.
- Problematizar as representações femininas expostas na Enciclopédia da Mulher e da Família.

Metodologia:

Utilizamos como instrumento de análise a Enciclopédia da Mulher e da Família que foi publicada no Brasil em 1971 e que aqui é tomada como artefato cultural que acaba produzindo uma pedagogia já que visa ensinar modos de ser e de se comportar.

Considerações Finais:

Nesta enciclopédia estão descritas as diversas atividades que ao longo do tempo foram destinadas ao gênero feminino como: cuidados com os filhos e com o marido, cozinhar bem, costurar, limpar a casa, realizar serviços gerais e não se descuidar da aparência.

Cabe salientar aqui que as atividades expostas como femininas na referida Enciclopédia não são vistas como naturais às mulheres, mas atrelam-se às construções culturais e sociais que foram se dando ao longo do tempo e da história. Nessa direção, Louro (2008, p. 17) afirma que:

“Há mais de cinquenta anos, Simone de Beauvoir sacudiu a poeira dos meios intelectuais com a frase Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. A expressão causou impacto e ganhou o mundo. Mulheres das mais diferentes posições, militantes e estudiosas passaram a repeti-la para indicar que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um ato único, inaugural, mas que, em vez disso, constituía-se numa construção. Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura”.

Levando em consideração as palavras dessa autora é importante destacar que a Enciclopédia em análise acaba gerando um “desconforto”, já que aciona condutas e deveres relacionados às mulheres como se esses fossem naturais e inerentes a elas.

Referências bibliográficas:

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

GEIGER, Paulo. Enciclopédia da Mulher e da Família. Vol. 1. Ed. Delta S.A. Rio de Janeiro, 1970.

